

REVISTA TRIMENSAL

DE

HISTORIA E GEOGRAPHIA

OU

JORNAL DO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

2º Trimestre de 1848.

O CARAMURU PERANTE A HISTORIA

Dissertação apresentada ao Instituto pelo socio correspondente o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Quasi todas as nações offerecem exemplos, nos primeiros tempos da historia da sua civilisação, de contos maravilhosos que as acalentaram no berço, e depois entreteram a fantasia de seus povos, em quanto estes não tinham de si muito que dizer. Ha n'esses contos quasi sempre um fundo verdadeiro: nem era possível a quem tinha pouco de que historiar esquecer-se de um feito extraordinario praticado por homens mais eminentes de corpo ou de espirito, ou oriundos de gente de maior illustração, aos quaes os simples aborigenes selvagens deviam de ter venerado como criaturas de outra especie, como deuses ou semi-deuses.

Formado assim um verdadeiro *mytho heroico*, propaga-se tornando corpo de geração em geração, e frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só individuo os casos notaveis occorridos a diferentes pessoas. O povo não está

á espera de que appareçam chronistas e historiadores com esta cathegoria para publicar um facto que lhe aguça a curiosidade. Depois d'ello sucedido conta-o, torna-o a contar : a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo (1), o espirito associando, e no fim de annos tem a historia sahido d'esse chaos, d'essa Babel de linguas dispersas já outra, sempre para mais pasmosa e estupenda : e tanto mais o fôr, tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmitte com o leite. O historiador só aparece mais tarde quando o povo se tem constituido e adiantado em civilisação; mas d'esse facto que ao povo interessou, e pela forma que lhe interessou, já elle tem registado a historia n'um arquivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho : é o da tradição.

Quantos exemplos não podéramos citar de crenças d'estas tradicionaes, das quaes algumas, já derrubadas pela justa e severa critica entre o pequeno numero comparativo dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservarão para sempre no vulgo, e até para mais nos corações d'esses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrario ? Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extirpar-lhe as raizes. Fazem n'uma religião, cujos sectarios só não achassem terra que lhes servisse de patria, prefereriam antes peregrinar errantes como os filhos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. O rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, o Cid campeador e até o rei D. Sebastião vivem para a historia differentemente do que para a poesia e crônica popular. Succede como na Mythologia : todos sabemos que ha n'esta uma parte histórica, e outra imaginativa ; aprendemos até nas escolas a distingui-l-as : entretanto quando temos um poeta classicó acreditamos com igual fé assim as entidades que tiveram

(1) Foi este pensamento que os antigos formalisaram no proverbio :

Quem conta um conto
Acrecenta um ponto.

uma existencia historica, como as propriamente fabulosas. Quem nos d'í a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos, vibrando-nos as cordas do sentimento.

E' esta convicção em que estamos de que nenhum mal pôde já a critica desapaixonada pro-luzir para arrefecer o entusiasmo pela nossa epopéa brasileira, e o muito desejo de que nos possuimos de tratar um assumpto em que o Instituto mostrou empenho, quando o submetteu a concurso, que nos dá forças para entrar n'elle : o que faremos expondo primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão d'elles e á luz da critica guiar o resto, e quando evidentemente seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre duvidas e mal provado, procuraremos esclarecer até onde nos fôr possível a questão especial da sua decantada viagem á França, que é o assumpto dado por programma, e constitue uma parte do todo da questão.

Desembaracemo-nos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar, e ponhamos tambem de parte, ainda com mais razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos perscrutar documentos, que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A noticia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante colleção (T. 5º Doc. X) o Sr. Navarrete, na relação que publica de Francisco d'Avila, do que passou a não S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaisa (de que fazem menç. o Barros, Dec. 1º, part. 1º, liv. 2º cap. 2º, e Couto, Dec. 4º, liv. 3º, cap. 3º), em quanto aiuda juntá com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1º de Julho de 1526, da qual quando sahia observa (Ibid. pag. 231) que « halló à la boca de la Bahia un christiano « que decia que había 15 annos que se había perdido alli « con una não. »

Segue-se pola ordem chronologica a attestaçao do nosso donatario Pero Lopes na dita Bahia entrado com seu ir-

mão Martim Alfonso aos 13 de Março (2) de 1531, e que se expressa d'este modo :

« N'esta Bahia achámos um homem portuguez, que havia 22 annos que estava n'esta terra ; e deu razão larga do que n'ella havia. »

Vem depois ;ela mencionada ordem o testemunho de Herrera (V, — 8, — 8) referindo-se ao anno de 1535 : « En la Baía de los Santos hallaron un portugues que dixo « que habia 25 annos que estaba *entre los indios*. »

Eis pois tres documentos, cada um de fonte diversa, apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 estivera na Bahia entre os indios um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão, que deixe a menor duvida de que o mencionado europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma sabida ou viagem á Europa : pelo contrario são n'este ponto bem expressos, principalmente os dois ultimos, que só fallam de estada ou persistencia na terra e entre os indios ; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum d'elles deixaria de o mencionar.

Portanto já d'aqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se pôde exigir na historia, sem cahir no vicioso scepticismo, de que esse tal christão até o anno de 1535 não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrario viveu sempre com os indios desde o anno de 1510, em que ahí ficara de algum naufragio, que não admira tivesse lugar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do pão brasil, tráfico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz (3) ; se bem que a respeito do

(2) Veja-se o *Diario*, &c., pag. 17.

(3) De uma d'estas viagens feita em 1511 acabamos de encontrar uma importantissima noticia circumstanciada, que dá ideia de como seriam todas as outras. É o livro em que o escriptor Duarte Fernandes assentava tudo quanto dizia respeito ao navio e se passava a bordo. Vem um pequeno roteiro de viagem ate à bahia de Cabo Frio (ahaz porto do Rio de Janeiro) aonde foram, o regimento que levavam, a carga que trouxeram de escravos, brasil, passageiros, luins, sagumes, &c. Estamos a tirar d'esse uma copia fiel para a submeter ao prelo, com algumas elucidações.

modo como elle ahí podia ter ficado apresente o Sr. Navarrete (na nota da pag. 170 do T. 5º) uma opinião, que não deixa de merecer toda a aceitação. Diz este sabio historiador geographo (a quem cada vez devemos mais respeito e consideração) que no archivô geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas (Legajo 3º dos rotulados *De relaciones y descripciones*) existe mal tratada uma relação original, feita pelo capitão general Diogo de Garcia, das derrotas e navegações que fez na segunda viagem ao Rio da Prata desde a sua saída da Curunha em 15 de Janeiro de 1526; e n'ella menciona como na primeira viagem que fizera 15 annos antes perdera uma caravela. Ora se elle n'essa primeira viagem também partiu da Galiza, poderia a tal caravela sem dificuldade ter recebido a bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como minhoto e natural de Vianua (não sabemos com que fundamento); mas até encontrámos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do norte, comprehendendo os proprios portuenses, que se distinguem por uma pronuncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v*, e vice-versa.

No Brasil como a maior força de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a acepção do vocabulo, chamando-se muitas vezes indistintamente gallegos aos filhos do reino. Mas o Diogo Alvares pôde ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia que teria tido na Galliza, se é que lá embarcara. O documento em que, como dissemos, se dá a Diogo Alvares a alcunha de gallego, é uma carta do donatario Pero de Campo Tourinho, escripta ao rei D. João III de Porto Seguro aos 28 de Julho de 1546, e existente em Lisboa no archivô da Torre do Tombo (Part. 1º, Mac. 78, Doc. 45 do Corp. Chron.), a qual revela mais algumas circunstancias de que n'esta dissertação aproveitaremos.

Na intrega d'esta carta, que passamos a transcrever, dispensar-nos-remos dos escrupulos em seguir a orthographia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel para o nosso lín, lhe não podia dar mais authenticidade uma vez que spontâmos onde se pôde ver o autographo.

Diz assim : « Senhor. A Bahia, capitania de Francisco Pereira Coutinho, se despovoou per razão do gentio d'ella lhe dar guerra haverá um anno, e elle se veio aqui onde ora está, sem nunca pôr nenhuma diligencia acerca de a povoar : e ora sou informado por um Diogo Alvares, o gallego, lingua que lá era morador (que d'aqui foi em um caravelão á dita Bahia), que se fôra d'abi uma nau de França havia dois ou tres dias, os quaes fizeram amizade com os brasís, e levou toda a artilharia e fazenda que ali ficou, e concertaram com os brasís de tornarem d'ahi com quatro ou cinco naos armadas, e muita gente a povoar a terra por causa do brasil e algodões que n'ella ha, e reedificarem as fazendas e engenhos que eram feitos, e por o tal não ser serviço de Deus, nem proveito de V. A., antes destruição de todo o Brasil, eu mandei ao dito Francisco Pereira da parte de V. A. logo se embarcar para esse reino, e fazel-o saber a V. A. ; e por não ir o fago saber a V. A. , e lhe mando um instrumento d'isso para com brevidade prover como fôr seu serviço.

« E para guarda e conservação do brasil e de toda esta costa fiz já Manoel Ribeiro portador capitão do mar, por ser pessoa apta e para o tal habil e pertencente, e para o serviço e cousas que cumprem a V. A. muito diligente.

« Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa que tanto cumple a seu serviço provel-o de artilharia, polvora, de munição de guerra, que para o tal serviço é muito necessário; porque ainda agora ao presente se mostra tão pobre que não podemos fazer nada sem ter favor nem ajuda sua : e tanto que os engenhos se acabarem, espero em Deus aqui um novo reino, e muita renda em breve tempo. As mais novas d'esta terra por o portador será V. A. na verdade informado por ser para isso. D'este Porto Seguro, onde fico beijando suas reaes mãos. Hoje 28 dias de Julho de 1546. — *Pero do Campo Tourinho.* »

Deixando pois de parte a questão de como iria ter á Bahia o seu primeiro povoador europeu « por data dos senhores da terra naturaes e direito das gentes (4) », como

(4) Esta mui buscada doação dos senhores da terra, inventada talvez para justificar no direito das gentes a posse dos reis de Portugal á Bahia, encendendo em forma jurídica (nem que os índios podessem

celebremte se expressa o padre Simão de Vasconcellos, é certo que d'esta carta de Tourinho se vê que fôra em 1545 que Francisco Pereira Coutinho donatario da Bahia « por data de el-rei e direito real » abandonou na mesma o lugar fortificado que ahi tinha, e o qual depois se chamou Villa Velha. Ora, segundo Gabriel Soares (Part. 1º cap. 28) o mesmo Pereira habitara este lugar com os mais colonos por tempo de sete ou oito annos consecutivos : por esta conta vem o mesmo donatario a ter dado principio á sua colonia, indo a ella pelos annos de 1538 ou 1537, época esta cuja fixação nos interessava muito, porque não é crivel que o colono europeu e christão, que por tanto tempo morára sosinho entre indios cannibales, houvesse de sahir da terra justamente na occasião da chegada dos seus patricios, que lhe vinham offerecer socorros, mercês espirituaes e corporaes, e que muito dependiam como dependeram das suas informações e auxilios, e com os quaes se pôz em tanta harmonia. Repugna á razão que o servicial acolhedor dos outros portuguezes viesse a metter-se em um navio francez, considerado corsario, pois só de tal maneira poderia n'elle entrar impunemente, só para voltar á Europa, quando já a terra era mais frequentada de navios da sua nação, e que elle devia preferir poder ver antes a sua terra natal, os seus parentes, e o seu rei, do que outro paiz onde nunca estivera, e cuja lingua devia ignorar.

Tambem se manifesta da carta transcripta acima que Diogo Alvares sahira da Bahia para Porto Seguro, d'onde

ter de taes dotes a minima noção) uma data de terras por dote de casamento analogo ao que os escriptores portuguezes queriam ter a legitimidade da soberania do seu reino pelo dote que querem que existisse do Condado PortugaleNSE à sua primeira rainha, não passa de puro improviso ; o que juntamente ao apparecimento do appellido *Corrêa* (do qual se tratará em uma nota adiante) no epitaphio de letra alias moderna, que existe na Bahia consagrado pelos beneditinos à memoria da sua benfutora mulher de Diogo Alvares, e a visinhanga aos grosseiros quadros da maravilhosa historia do heróe (os quaes o Sr. Ferdinand Denis que os viu (*Brésil*, pag. 38) assevera que não devem remontar ao principio do século passado), nos faz crer que tudo isso foi arranjado depois do apparecimento da historia do m'sr Pitta.

como bom lingua e bem aparentado n'aquelle terra voltou novamente a ella em um caravelão enviado, ao que parece, para sondar novidades.

Tambem na mesma carta se descobre a repugnancia que encontrava Francisco Pereira de voltar á Bahia, nem que o coração lhe presagiasse seu desastroso fim. « Tão esforçado cavalleiro, que não haviam podido render os rumes e malabares na India », como se expressa o estimavel Soares (5), sentia quebrantar-se-lhe o animo com a idéa de se ver em combate com anthropophagos, ameaçado de não ter seu corpo sepultura em terra senao nas fauces de homens feras; e nem as instancias, nem as ameaças de Pero do Campo seu par, o faziam sahir da capitania dos Ilhéos, onde dava grazas a Deus de ter chegado com vida. Instava Pero do

•

5. Apezar das suas expressões o inculcarem por um heróe muito conhecido na historia da India, e ainda mais as com que começa o cap. 25 " quem quizer saber quem foi Francisco Pereira Coutinho veja os livros da India, e sabel-o-ha, e verá seu grande valor e serviços feitos. &c.; é certo que por Castanheda, Gaspar Corrêa, Góes, Barros e Conto não será facil alcançar a identidade da pessoa entre um dos dois Franciscos Pereiras que figuraram na historia da India: ienhau d'elles com relevantissimos serviços nem conhecido pelo cognome de Coutinho, mas só pelo de Pestana e Berreiro, sem fallar em Francisco de Sousa Pereira e Francisco de Mello Pereira. Que o donatario da Bahia servira na India não padece a minima duvida, que n'issò são todos concordes, assim como que era nobre. Mas se não é facil esclarecer-nos pelos impressos, talvez que o caso se individualize melhor com alguns documentos ineditos. No arm. 25, mac. unico do interior da casa da Corôa no real arch. da Torre do Tombo de Lisboa, ha duas cartas autographas a el-rei D. João III (Doc. 113 e 115) de um Francisco Pereira, pedindo recompensa de serviços, e n'ellas diz ser filho de Gaspar Gonçalo Pereira, irmão segundo de Diogo Pereira, bisneto de Martin Alfonso de Miranda. Fira à India na frota de Jorge d'Aguilar, servira com Duarte de Lemos, perdeu-se em Socotra, tivera cinco mezes a alcaldaria de Cananor, d'onde viu a Cochim, &c., &c. Da carta do feitor Francisco de Carvalhaes (arm. 25, mac. unico n. 452) consta que Francisco Pereira, moço fidalgio, ja n'aquelle sua não, que se demorou no Brasil, esteve em risco de dar a costa no rio de Quiloa, foram a Melinde, &c. Do Corp. Chron. Part. 2º, Ms. 25, Doc. 43, consta que Francisco Pereira, fidalgio da caza, em 10 de Fevereiro de 1511 relatava em Quiloa. Isto é provavelmente o nosso donatario, que parece o denominado Pestana pelos historiadores da Asia.

Campo que fosse para o reino ; mas naturalmente levado do capricho recusou, e animou-se de resolução para voltar de novo á sua capitania, convidado tambem para isso, segundo Soares, pelo proprio gentio, a titulo de que para o resgate viam agora como lhe interessava ter taes vizinhos. Resolveu-se pois a embarcar em companhia de Diogo Alvares, e ao entrar na Bahia teve a desgraça de dar á costa sobre os baixos da ilha de Taparica; e tendo conseguido escapar á furia dos mares, indo para a terra não escapou á dos desleaes *Tupinambazes*, que o assassinaram e a outros do caravelão, « do que escapou Diogo Alvares com os seus com boa linguagem » segundo o mesmo Gabriel Soares (Part. 1^a, cap. 28), que acrescenta n'outro lugar (Part. 2^a, cap. 2º) como depois d'este naufragio celebrará o mesmo Diogo Alvares contrato com o gentio, para ir de novo habitar o sitio em que vivia « onde se fortificou e « recolheu com cinco genros que tinha, e outros ho- « mens que o acompanharam, os quaes ora com armas, « ora com boas razões, se foram defendendo e susten- « tando. »

Este modo de expressar de um autor tão digno de conceito, e o successo em si dão-nos desconfianças de que é, a esta occasião, e não á sua primeira chegada á Bahia em 1510, que se refere a acção heroicamente cantada, que o immortalisou sob o nome de Caramurú, e que até o poeta Durão suppõe ter sido feita quasi no meado do seculo XVI. O certo é que este nome *Caramuri* (6) só d'aqui em diante começa a aparecer, e nada obsta a po-

(6) *Caramuri* é no Brasil uma especie de moreia grande, e dez e mais palmos de comprido, cuja mordedura é perigosa (7) a ponto de fa-

(7) « Chamaui os indios ás moreias *Caramuri*, das quaes ha muitas, mui grandes, e muito pintadas, como as de Hespanha, as quaes mordem muito, e têm muitas espinhas, e são mui gordas e saborosas: não as ha senão junto das pedras, onde as tomam as mãos. » Gabriel Soares P. 2^a, cap. 132.

« Il y a le *Caramuroù* assez semblable à l'Anguille, long d'une brasse et demie et gros à proportion: il se trouve aussi ordinairement sous les rochers; il est fort bon, mais sa morsure est bien dangereuse. » (*Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan. &c.*, par Claude d'Abbeville, Paris 1614, fl. 246).

« Estes peixes (*Caramuri*) são como as moreias de Portugal, de

der-se asseverai que elle só então praticaria o facto do tiro da arma de fogo, que espantou e impôz tanto horror aos indígenas. Nem se nos opponha que já então o estampido d'aquella não lhes podia fazer muita novidade, por se deverem ter a elle familiarizado nos sete ou oito annos que abi estiveram Francisco Pereira Coutinho; visto que o caso se podia ter passado com outras hordas receiu-chegadas do sertão, onde andavam tão nómades como ainda hoje em alguns districtos em que vivem no estado selvagem. Muito mais tarde diz Vasconcellos (Chron. n. 52) que os indios se haviam retirado « parte com o *espanto dos armas de fogo* (que e'les admiraram), parte com razões efficazes de eloquentes linguas, &c.

Não menos sabido é que o triste fim de Francisco Pereira tendo feito devolver á corôa a sua capitania, D. João III talvez instruidq por informações vocaes do tal capitão do mar Manoel Ribeiro, recommendedo por Tourinho, resolveu tomar a si a colonisaçao da Bahia, enviando-lhe Thomé de Sousa, com os primeiros jesuitas que passaram ao Brasil em a frota que lá chegou em Março de 1549, e achou (segundo o citado Soares) ao Caramurú com os seus compauheiros, que ahi se tinham sustentado contra os indios. E no mesmo logo immediato ao d'esta chegada escrevia Manoel da Nobreza, principal d'aquelle padres (a quem denominaram o *gago* por desfeito que tinha na falla), uma carta que com

zer apodrecer e grangrenar as mãos e pernas dos que d'ella são mordidos. E' mais natural que Diogo ou os indios fundados n'esta circunstancia se lembrassem de applicar o mesmo nome a outro offensor igualmente terrivel e oriundo também do mar. Tal appellido está muito no gêno da lingua guarani ou geral, quanto ao modo de dar os nomes proprios. E sendo assim, para que irmos nos enredar em outras explicações e etymologias remotas e nada plausiveis?... Rocha Pitta chegou a traduzir a palavra com o significado — *Dragão que sae do mar*.

• comprimento de dez e quinze palmos, são unis gordos, e assados
• saltem a leito: estes têm extraña dentadura, e ha muitos ho-
• mens aleijados de suas mordeduras, de lhe apodrecerem as mãos ou
• pernas onde foram mordidos: têm por todo o corpo muitos espi-
• nhos: dizem os nativaes que tem ajuntamento com as cobras, por-
• que os acham muitas vezes com ellis entrelacadas, e nas praias es-
• perando as ditas moreias.

outras existe por copia n'um importantissimo livro d'ellas existente na Biblioteca nacional do Rio de Janeiro. Escreve Nobrega para o reino que contava aprender a lingua indigena.... « com um homem que n'esta terra (Bahia) se criou de moço, ho qual agora anda muy ocupado em ho que ho governador lhe manda, e não está aqui. « Este homem com um seu genro he ho que mais confirma as pazes com esta gente, por serem elles seus amigos antigos. Tambem achamos um principal d'elles já christão baptizado, &c.

Semelhantemente se confirma em outra carta, que está impressa na collecção que se publicou (sem declarar-se o lugar da impressão, mas provavelmente em Coimbra) no anno de 1551 (8), na qual se lê a fl. 11 v.

« En esta capitania halle un hōbre de buenas partes antiguo en la tierra, y tenia dōde escrevir la lengua de los indios, que fue pera mi grande consolacion. »

Em quanto não produzimos adiante mais um documento da mesma origem para tirar, com a designação expressa do seu nome, de todos os escrupulos ácerca da duvida de identidade do nosso heróe no homem que alludem os dois trechos acima, não passaremos sem fazer já os necessarios comentários ao primeiro d'elles. Em primeiro lugar aquellas muitas occupações referidas por Nobreaga são comprovadas pelo testemunho do tantas vezes citado Soares, que diz (Part. 2^a, cap. 2º), que por mandado de Thomé de Sousa o mesmo « Dingo Alvares quietou o gentio e o fez dar obediencia ao governador, e oferecer-se ao servir; o qual gentio em seu tempo (de Alvares) viveu muito quieto e recolhido, andando ordinariamente trabalhando na fortificação da cidade a troco do resgate que por isso lhe davam. »

(8) Eis fielmente o título d'esta collecção: *Copia de unas cartas embiadas del Brazil, por el padre Nobrega de la compaňia de Jesus; y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre mestre Simon preposito de la dicha compaňia en Portugal: y a los padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladas de portugues au castellano. Recebidas el anno de M. D. L. (gothico). Ha d'ellas un exemplar na Bib. Publ. da Lisboa. (B-10-30).*

Em segundo lugar o fallar-se em *um genro* indica que já em 1549 o Caramurú tinha pelo menos uma filha casada, por tanto maior dos treze annos, o que faz remontar a união a 1535, época em que o *Diario* por que se guiou Herrera nada accusa de haverem os seus pais abandonado a terra. Dos gentos do Caramurú temos os nomes de Alfonso Rodrigues, natural de Óbidos, marido de Madaglena Alvares, Paulo Dias Adorno, dito de Filippa Alvares (*Jabotão, Chron.*, cap. 7, pag. 14), e de João de Figueiredo Mascarenhas, dito de Apollonia Alvares (*Mem. da Bahia*, do Sr. Accioli, T. 3º, pag. 205).

Em ultimo lugar registemos na lembrança o fim do periodo acima para ficarmos sabendo, que já antes da chegada de Thomé de Sousa tinha havido na Bahia gente da terra baptizada, e por tanto quem baptizasse.

Recapitulando quanto havemos desenvolvido tiraremos em resumo a conclusão :

1º Que Diogo Alvares, domiciliado no Bahia desde os annos de 1510, ahi residira entre os indios consecutivamente até 1535.

2º Que desde 1538, em que ao mais tarde chegou á Bahia a colonia do seu donatario, repugna igualmente que desamparasse os seus patricios, que lhe tinham vindo trazer sociabilidade, e tão dependentes estavam do seu auxilio e conhecimento da liogua e da terra.

3º Que tal repugnancia aumenta a converter-se em evidente, impossivel a contar do anno de 1546 em diante, quando o vemos figurar como mensageiro de Pero do Campo á Bahia, salvar-se ahi do naufragio em que ficou o donatario, e depois palliando « ora com armas, ora com boas razões » estar ainda incolumis á chegada do governador Thomé de Sousa em 1549.

4º Finalmente, que continuando elle d'este anno em diante a prestar aos jesuitas os bons officios, que estes se não esquecem de memorar, sucede que n'esta occasião a colonia se assentou alli por una vez, e nenhum navio de franceses, frequentando embora outros portos do Brasil, se atreveu mais a affrontar o da capital do Estado, de maneira que durante oito annos que se seguem até á sua morte, tomando-a como succedida no anno em que

assevera Casal de 1557, não podia elle por sôrma alguma ter-se embarcado na Bahia em um navio francez.

Por esta exclusão de partes parece vir a ficar só aos tres annos desde 1535 a 1538 a possibilidade de elle ter sahido sôra da Bahia a fin de ir á França para se casar com a india (reginula da terra?) sua amante nos pagos reaes d'esse reino, tendo por padrinho e madrinha os soberanos, como se tem querido asseverar: todavia é justamente para este periodo e os annos seguintes, entrando pelos do reinado de Henrique II, que tem maior applicação um argumento, que não deixará de produzir igualmente para corroborar a negativa que já concluimos para os annos anteriores mais proximos: referimo-nos á falta ! tal de alguma noticia ou informação, que mencione ou indique um facto, que aliás devia fazer-se notavel n'aquella corte para excitar não só a curiosidade de algum minucioso narrador chronista francez como *Du Bellay*, mas ainda mais o ciume, rivalidade e resentimento dos agentes portuguezes então residentes em França, os quaes, desde o embaixador até ao insimo espio, estavam todos interessados em tomar nota de um facto como era já a chegada de qualquer navio francez do Brasil, quanto mais do acolhimento decidido dado a um seu habitante de tantos annos, e d'essas estranhas ceremonias de casamento e baptizado, que tão suspeitosas se lhes deviam tornar.

Correndo porém a immensidade de despachos, officios, cartas particulares, informes e mais papeis que se escreveram de França respectivos as mininas occurrencias que então se passavam á cerca das negociações pendentes d'aquelle reino com Portugal, e que na melhor parte tinham por mira a sustentação da posse inauferivel do Brasil—começada a disputar por meios identicos aos que a mesma nação ainda nos ultimos tempos, contra todo o direito reconhecido por ella propria, fez com a Guyena,—é que se collige a impossibilidade da existencia de tal acontecimento, que ninguem contou; quando se tivesse sucedido, tão notorio era elle que deveria apparecer noticiado por mais de uma pessoa, e em mais de uma carta, como vemos a respeito de outros de menos importancia n'esse mesmo tempo.

D'aqueiles papéis, cujas copias todas possuimos, parte terá em breve imediato cabimento n'uma segunda memoria das *Negociações Diplomaticas*, e os mais d'elles ficarão reservados para sahir a publico em um tratado separado. Pela sua leitura chegámos a estar quasi diariamente presenciando tudo quanto ácerca de objectos analogos se passava em França. E justamente do anno de 1535, o dia 1º de Agosto foi o apresentado por Francisco I para a reunião dos dois juizes de cada parte, destinados a julgar das reclamações das duas nações, os quaes todavia só depois se poderiam juntar. Por esse tempo e depois estava ordinariamente em Ly o embaixador Ruy Fernandes : em Paris e depois em Bordéos vigiava zelosamente o incansavel Dr. Diogo de Gouvèa, que pelas suas muitas relações, letras e estima n'aquella corte, onde fôra educado, e pela posição social que lhe dava ahi a regencia de seu collegio, andava sempre muito bem informado de quanto ocorria, e não era descuidado na sua correspondencia e deveres para com a sua patria. Da Rochella comunicava o que havia Fernão Rodrigues Pereira, e tão municioso costumava ser, que não occultaria um só boato que a tal respeito corresse. Pouco depois installou-se em Bayona o juizo ou comissão mixta, e não é provavel que nem os juizes comissários nem os do seu sequito deixassem de ter d'entre tantos requerentes portuguezes algum, que contasse o apparat sos recebimentos. Ha demais no Real Archivo de Lisboa (Corp. chr. P. 3º, Ms. 14, Doc. 37) uma carta de um João Fernandes Lagarto (explica elle que este apellido lhe proviéra de ter tido a fortuna de escapar da sanha de um tal reptil), escripta a D. João III em doze folhas, na qual lhe relata muito cousa que vira na corte do rei de França, a quem fallára ácerea de navegações no ultramar, muppas, terras dos Bacalháos (Terra Nova), &c., e não deixaria de dar do Brasil noticia tão curiosa, quando a tivesse presenciado ou ouvido. Taes correspondencias continuam a sustentar-se ás vezes por novos individuos durante os annos seguintes, e om nenhum temos até hoje encontrado uma só referencia a tal respeito. Cira todos estes argumentos negativos têm em boa critica a força dos positivos, uma vez que não appa-

rece um só individuo, uma só memoria escripta, que apresente em contrario uma affirmativa, que faça argumento positivo, essencial de ser combatido por outros igualmente positivos. O mesmo dizemos a respeito dos annos anteriores mais proximos, em que o silencio a respeito das particularidades em questão, que guardaram os navegantes que accusam ter encontrado na Bahia o Caramurú, é reforçado pelos das correspondencias de Jacome Monteiro, enviado á França pelo rei D. Manoel, das do mencionado Gouveia, dos despachos do embaixador João da Silveira e de Gaspar Vaz, e das cartas de tantos outros que figuram nas primeiras questões a respeito de piratarias dos franceses no Brasil, &c., &c.

Conservamos porém ainda de reserva um documento, que a nosso ver é mais terminante; pois que em tempos posteriores (pelos annos de 1555) se dizen'elle que havia quarenta a cincuenta annos que o Caramurú, velho honrado, andava entre os indios, sem nada se mencionar de tal facto, como era natural, já pela sua notoriedade, já porque era razoavel explicasse que se devia abater n'esta conta alguns annos de estada fóra em uma viagem á Europa, &c., &c. E' esse documento uma carta escripta tambem da Bahia por mandado do mesmo Nobrega, existente numa collecção da bibliotheca publica de Evora, a qual teve a bondade de nos subministrar o nosso consocio o Sr. Rivara, e pode ser se ache igualmente transcripta no volume do Rio de Janeiro: diz assim o periodo que nos serve a fl. 189:

« O padre Nobrega ordenou com o bispo que fizesse « Diogo Alvares (9) (por lingua dos indios Caramolú), « ao ho qual tem grande credito os indios por auer co-

(9) Em nenhum escripto antigo se trata do Caramurú senão com estes dois nomes. O apellido Corrêa, que recentemente se lhe acrescentou, e que até se intercalou em algumas copias modernas, e só nas modernas da obra de Gabriel Soares, deve ter-se por espirito. Nem o proprio Vasconcellos, nem Brito Freire o souberam, e parece que foi Roeha Pitta quem o desencontou, não de algum manuscrito da sua provincia, mas provavelmente da influencia genealogica de algum consocio do nosso patricio na sua campanha Aca-

« renta a sinquoenta ânos que anda antre elles, e ser
 « velho honrado, que andasse (*ita*) pellas aldeias com
 « os padres promotendo-lhe ordenado delrej, o que ao bispo
 « pareceu mujto bem e logo ho poz em obra e lhe fa-
 « lou, e assi se fara e esta concertado ir hum dia destes
 « por todas as aldeias a pregar contra ha abusão que esta
 « semeada antre elles e declarar-lhes a verdade e adesser
 « (*ita*) pai dos que se converterem. »

A' vista do exposto vemo-nos obrigados a confessar que acreditando sem a minima duvida na existencia do Caramurú, que até agora pela falta do conhecimento dos documentos muitos contestavam, temos cada vez mais motivos para crer que essa viagem á França, que a seu respeito espalhou a tradição, devia ter algum fundamento. A tradição é vaga, compõe, associa, romanea, despreza a chronologia, reune ás vezes dois entes em um só, creando monstros, mas nunca inventa. Ora, convém saber-se que houve com effeito um europêo, lingua dos indios, que foi levado á França em uma não d'esta nação, e que d'elle faz tambem memoria o mesmo Gabriel Soares, que é dos antigos o que nos transmittiu já mais assentadas noticias do Caramurú: diz pois aquelle benemerito escriptor no Cap. 9 da Part. 1^a: « N'este Rio
 « Grande achou Diogo Paes de Pernambuco, lingua do
 « gentio, um castelhano entre os *Pitiquares*, com os bei-
 « ços furados como elles, entre os quaes andava havia
 « muito tempo, o qual se embarcou em uma não para
 « a França, porque servia de lingua aos franceses entre
 « o gentio nos seus resgates. »

Aqui está quanto a nós explicada a tal enfeitiçada viajem do Caramurú á França. Um mysterioso castelhano arrojado, sabe Deus como e desde quando, no Rio Grande do Norte era lingua do gentio vizinho, com quem os franceses ficaram tratando ainda depois da colonisaçao portugueza da Bahia e outros pontos, e algum navio

denua, que lhe lembraria serem tambem *Corrêas* os *Alvares nobres de Viana*, isto quando o Caramurú não passaria naturalmente nos seus tempos de algum miseravel grumete. Quanto a nova maneira de escrever como se segue *Caramolu*, não fará ella novidade aos que se lembrarem que a carta era ditada por um gago.

d'estes o levou á França. A tradição com o tempo registou só o facto ; lembrou-se do que sucedera a um lingua do gentio, mas esqueceu-se do nome do individuo e da data do successo, e confundiu. Eis o caso já corrente e intelligivel o erro.

Mas não deixemos escapar um argumento mais, que n'este lugar nos apparece. Soares distingue bem dois individuos quando explicou que este castelhano se fizéra botucudo, o que ninguém disse nunca do Caramurú : ora se elle deu importancia e mencionou a circunstancia da ida á França d'aquelle, não a contaria também d'este se ella tivesse tido lugar ?

Passando agora a ocupar-nos expressamente do assunto do ponto que nos propomos tratar, que é o exame critico do que escreve o bahiano Sebastião da Rocha Pitta, ns. 88 e 89 do Liv. 1º da sua *Historia da America Portugueza*, facil será, á vista do expedito, deduzir que tudo se deve ter por fabuloso.

Quer Pitta (n. 99) que a viagem do Caramurú á França, acompanhado da india com que veio a casar, houvesse tido lugar no tempo de Henrique II, e que este rei com a rainha sua esposa — a celebre Catharina de Medicis — fossem os padrinhos do matrimonio, e de baptismo que primeiro se devia subministrar á gentia. Ora Henrique II subiu ao throno em 1547 ; logo só depois d'este anno, e nunca antes, poderiam lá receber-se os dois mencionados conjuges ; e como o mesmo rei falleceu (em resultado de um triste desastre) a 10 de Julho de 1559, ha só doze annos durante os quaes deviam elles ter ido á França para poder parecer menos absurda a existencia do facto, se bem que já no dito anno de 1547 tivesse Diogo Alvares vivido tanto tempo na primeira colonia do infeliz donatario, onde o mesmo sacerdote que baptizara o principal que encontrou Nobrega o poderia ter casado, depois de igualmente baptizar a india sua amante, dando-lhe o mesmo nome *Catharina*, que era o da rainha mulher do rei D. João III ; o que também não julgamos ter sucedido, pois que sendo ella, como igualmente se diz, filha de um principal da terra, Nobrega teria acrescentado o seu nome quando fez a menção como causa rara do índio baptizado, que já lá achára na Bahia. E tal ida do

Caramurú á França já vimos acima como não podia ter lugar em 1547, nem em 1548, e menos ainda desde 1549 em diante.

O resto d'esse episodio narrado por Pitta deixaremos sem analyse : os periodos que contam os acenos da terra, que percebeu e a que acudiu promptamente um navio que ia feito de vela, os esforços a nadô para a India alcançar a dita não franceza, &c., são fragmentos do colorido proprio dos typos gongoristicos do seculo passado, e do faustoso Mecenas (João V) a quem a obra de Pitta foi por elle dedicada. Nem mesmo julgamos conveniente negar-lhe credito á revista que accusa ter feito de antigos manuscriptos. Bem haja por isso ; mas se queria que lhe dessemos assenso devia pelo menos accusar que casta de escriptos eram : d'outro modo temos direito (para não suppôrmos causa peior) a acreditar que fossem elles notas ou borrão de algum autor como Simão de Vasconcellos, cuja boa fé e autoridade passamos a analysar.

Foi Vasconcellos o primeiro que em 1663, sem mais esclarecimentos escriptos do que as poucas linhas de Gabriel Soares, que já ficam acima transcriptas, ampliou de novas circumstancias o assumpto, que pouco depois em 1675 foi repetido apenas com modificações no estylo por Francisco de Brito Freire⁽¹⁰⁾, e mais tarde enriquecido com as galas da invenção de Pitta, e com as extensas e interminaveis conjecturas sem provas da diffusa penna do nosso ilustre pernambucano Jaboatão. Gabriel Soares estabelecerá-se no Brasil em 1570, e ainda devêra encontrar recente a historia do Caramurú para o poder ouvir da boca dos contemporaneos e socios d'este. Vasconcellos só escreveu um seculo depois, e portanto ainda supondo que elle nada creou, e apenas pôz por escripto o que ouviria, por ventura não devemos nós condenar como pouco segura essa tradição, que já tinha de boca em boca atravessado tres gerações n'un povo tropical e de ardente imaginação, quando documentos em contrario nos induzem a condená-la ? Toda essa narração de Vasconcellos

⁽¹⁰⁾ *Nova Lusitania, Historia da Guerra Brasileira, &c.* Livro 2. n.º 135—141.

foi por elle de tal modo escripta, que não será difficult a um espirito sagaz descobrir que o autor não tinha a verdadeira consciencia no que escrevia ; e chega a fazer dô ver o pobre dando-se a tratos para arredondar periodos, tendo por todos os lados tanto espinho, de que elle a custo procurou fugir ; e com tudo é á sombra da sua autoridade que verdadeiramente descansam os escriptores que lhe succederam, incluindo o nosso proprio épico Durão, que muito é para sentir não tivesse sido precedido por um historiador, bem como o Cañões o foi por Barros, cujas de- cadas o poeta luso necessariamente percorreu muito. E' possivel que Vasconcellos, recebendo a tradicão já arranjada a modo de romance, a concertou como pôde para narrar envolvida nas fórmas historicas estes successos, que de passagem foram tocados na obra de Soares, que facil será de provar ter sido vista por Vasconcellos (11). D'esta tendencia de Vasconcellos, para combinar e querer narrar historicamente a seu modo os factos (12) que se lhe apresentavam por assim dizer descarnados, julgamos que podiam nascer algumas das circumstancias da sua narração *novellesca* : assim além da historia do castelhano do Rio Grande do Norte, como acima mencionámos, poderia ter ajudado a formal-a a certeza de que n'aquelles primitivos tempos francezes de Dieppe, do Ha-

(11) Os ns. 51 a 55 das *Noticias antecedentes*, etc., foram tirados do Cap. 40 da 1.^a parte de Soares ; o n.º 66 do Cap. 74, etc., etc.

(12) Este nosso juizo nada tem de apaixonado : é filho de uma convicção fundamentada em muito maior copia de documentos do que devia ter o incansavel autor da *Corographia Brasilica*, quando assim se expressava (II, 88) :

« O jesuita Vasconcellos, segundo o que eu pude ver, foi o primeiro que divulgou (mais de cento e cincoenta annos depois) as aventuras de Diogo Alves (alias Alvares Corrêa) o Caramurú quasi em forma de novella ; e os posteriores consideraram-se autorizados para enfeital-a ; e o que faz encontrar n'esta historia incohérencias e paradoxos. — O meneionado chronista que viu, (segundo elle diz) documentos circumstanciados (e que jamais produz), não sabe se a não do naufragado Corrêa ia para a India, se para a capitania de S. Vicente ; pretendendo que esta estava « já então voada por Martim Affonso de Sousa !!! »

vre e Honfleur, passavam ao Brasil, d'onde levavam consigo alguns indígenas (13), e depois o nome de Catharina, que tinha a esposa de Henrique II, e por fim a vontade de se recommendar pelo maravilhoso, tudo poderia sem grandes esforços da imaginação offerecer conjecturas para formar um romance historico do genero analago aos que hoje tanto se usam (a ponto de terem conseguido alentar o scepticismo historico), genero de composição em que, apezar de nos apresentarmos ostentando tanta neveridade a tal respeito, já nos não podemos gabar de não ter lançado alguma insignificante pedra. E Deus permitta que não seja a unica....

Eis dada uma explicação do modo como se podia gerar o conto, e como em boa critica somos autorizados a julgar que elle se gerou, visto que seu autor se atreveu a narrar factos tão originaes, e de que já não era coevo, sem citar as fontes ; como aliás usa fazer á margem, acarretando até excessiva erudição e autoridades em casos de muito menos importancia e novidade. Bem procurou Vasconcellos, receioso da manifestação dos seus anachronismos, sugir a declarar-nos a época em que elle collocava o seu episodio ; mas assim mesmo não escapará de ser chamado ao rígido tribunal da critica, para n'elle se ver argumentado. Descreve este jesuita a viagem á França como se houvesse tido lugar antes do naufragio da não castelhana na

(13) Se isto não fosse constante, não seria de pequena prova o acharem-se elles bem desenhados na curiosa collecção franceza de *Costumes de 1567*, que cita o Sr. F. Denis (*Brésil*) pag. 74 como existente na Bibl. Real de Paris, o que de certo não seria só por informações verbais : ao pé dos retratos de um selvagem e sua mulher se lê em francez :

*L'homme du lieu auquel le Brésil croist
Est tel qu'ici à l'oril il apparoit.
Leur naturel exercice s'applique,
Couper Brésil pour en faire traſique.*

*Les femmes là sont vêtues ainsi
Que ce pourraict le montre et le présente;
La des quenons et parroquets aussi
Tous estrangers elles mettent en vente.*

ilha de Boipeba, do qual faz menção Herrera (n'um lugar que acima o citámos) como sucedido em 1535, que foi quando os naufragos ahi encontraram o Caramurú, a quem segundo a afirmativa de Vasconcellos Carlos V escreveu depois uma carta de agradecimento pelo agasalho que áquelle déra. Onde acharia Vasconcellos a tal carta ? E se não a viu, quem lhe contou esse caso tão galante ? E' por ventura provavel, é crível, é rasoavel que o imperador se lembrasse de escrever a um pobre Robinson Crusoé, para lhe agradecer uma pouca de farinha e inhames dados a alguns seus marinheiros ? Mas que provavel é sim, que elle de tal facto nem chegasse a ter conhecimento. Mas Vasconcellos ainda nos vem a dar o successo como muito anterior ao anno de 1535, quando envolveu na sua narrativa o nome do ao depois mal aventureado Pero Fernandes Sardinha, que elle mette na scena a encontrarse com o Caramurú em Paris, onde aquelle ^{theologo}, ao depois primeiro bispo da Bahia, *acabára* os seus estudos, e se achava de volta para Lisboa. Mas antes de partir fal-o Vasconcellos escrever a D. João III aconselhando-lhe a colonisagão do Brasil, conselho que el-rei (diz) aceitou, retribuindo a lembrança de Sardinha com a graça de o nomear vigario geral da India. Ora passando por alto a historia d'este conselho, que nós já viemos que foi dado pelo Dr. Diogo de Gouvea (14), sabemos que a tal estada de Pero Fernandes em Paris, segundo Nicolao Sandero (pag. 49) da sua *Historia (vera et sincera) schismat. anglican.*, foi pelos annos de 1528, e teremos presente quão excluido fica este anno de admitir a possibilidade de imaginada ida do Caramurú á França sem que os visitantes da Bahia, comprehendendo Pero Lopes, logo depois fizessem d'isso menção, e sem que o embaixador João da Silveira ou algum dos seus deixassem de accusar o facto lá da França, no meio de tão activas correspondencias. E de mais quão arredado ficaria este anno do tempo em que havemos ainda de ver Henrique II a reinar para Catharina de Medicis sua mulher ser como

(14) Varnhagen — *Primeiras Negociações Diplom. resp. ao Brasil*, pag. 135 do T. 1º das Mem. do Instituto.

rainha a madrinha, a sim de dar com a agua do baptismo o seu nome á neophita Catharina ! (15)

Mas segundo outro lugar de Vasconcellos (n. 41) ainda viriamos a atrazar o facto mais alguns annos ; pois quer que á primeira chegada do donatario á Bahia existissem já duas filhas legitimas do consorcio abençoado em Paris ; e para isso supondo mesmo o anno por mais desfavoravel da chegada d'este em 1538, era necessario fazer remontar a tal ida á França para receber as bençãos ao anno de 1524 (e o piloto Avila em 1526 sem saber de tal !), e para isso mesmo era ainda forçoso que as duas filhas tivessem sido gemeas, e se casassem ambas logo no principio da puberdade.

Ainda tocaremos n'outro ponto do mesmo episodio, como narrado pelo mencionado jesuita : no n. 38 assevera eile que voltado Diogo de França ao Brasil pelos resgates e negocios que fez com certo mercador, que para lá o transportaria, obteve artilheria e munições com que viéra a fazer uma estancia forte e a « ficar senhor de muitos escravos e vassallos, temido e respeitado das maiores potencias da costa. » Não haverá n'estas expressões certa falsa nobreza, que não se compadece com a humilde prosa dos contemporaneos que trataram de Diogo Alvares ?

Mas é já tempo de deixar em paz o jesuita portuense : antes não o poderemos fazer sem grande sacrificio ; pois que era forçoso analysar com o rigor que admittisse a historia e satisfizesse à critica qual era o conceito que devia suportar a narração d'este facto, como feita pelo seu primeiro escriptor, que os successores pouco mais fizeram do que seguir.

Voltando porém de novo a restringir-nos ao assumpto especial do nosso ponto, parece-nos em conclusão que se devem riscar das paginas veridicas da nossa historia os dois

(15) Paraguassú diz Vasconcellos que era o seu nome indígena. Quem diria isso a Vasconcellos ? Ou andará por aí um nome só criado para o romance, do mesmo modo que nós creámos uma Ipeca ? A falar a verdade, para os índios tão rigorosos na applicação das metáforas se lembrarem de chamar por autonomasia *Rio Grande*, *Para*, *rio guaxiní*, *grandez ou Mar* a uma bonita mulher... mas talvez pode ser.

paragraphos de Rocha Pitta, cuja analyse foi dada a concurso. Reputamol-os um bello episodio proprio para o romance e poesia, uma vez que já n'elle ha certa crença : nós todos enlevados pelos feitiços do maravilhoso demos existencia formal ao que antes não fora talvez mais do que conjecturas enfeitadas por uma imaginação creadora, e por ventura inclinada a dar insensivelmente a seus assumptos um colorido romantico, circunstanciando a narração com o engenho quando a historia ao seu tempo conhecida os não manifestava. Porém o historiador quando o queira expôr uada lhe custará a acompanhar a sua menção das previdentes expressões consentaneas a inculcar duvida. Ha certas narrações de casos mesmo fabulosos, que uma vez entradas no corpo da historia de um povo apoderam-se d'elle semi mais o largar m ; embora pelo tempo adiante venham só a mencionar-se para se asseverar que não sucederam. E' o que ha de sempre acontecer na historia de Portugal a respeito das cortes de Lamego ; que foram tão bem inventadas (por sr. Bernardo de Brito ?) que chegaram a ser recebidas e citadas como lei do paiz, sem nunca terem existido tales cortes. E de quantas bellas fabulas não estão cheias todas as historias ? !

Pela nossa parte se é licito em tales assumptos abraçar uma opinião de sympathia analoga áquella por que todos passamos desde os bancos da escola sob os pendões da Grécia e Roma, e ainda depois quando ao ler a historia antiga nos influímos uns mais pelos romanos, e outros pelo atrevido e victorioso chefe dos carthaginezes, declaramos que na que faz objecto d'esta dissertação nos inclinámos justamente ao partido que as convicções da verdade e o amor ao Instituto nos fizeram combater. E que espirito haverá tão positivo e incredulo, que coração tão duro e tão de pedra, que se não commova ao ver a infeliz gentia Moema abrasada de amor e ralada do ciume seguir a nado um navio francez, em que já a sua rival ia desfructando a porfiada posse, exhalar nas aguas o ultimo suspiro ? E quem não tomaria parte na admiração de uma indigena americana quando seus olhos fartos de tantas grandezas phisicas, de tanta obra do Creador, viram na Europa pela primeira vez tanta arte, tanta obra do homem ? Quem se

não enche de jubilo ao ver-se nos paços dos Lizes presenciando a hospitalidade da rainha de França, e as descripções dos rios e producções naturaes da America feitas ao politico vencedor de Carlos V ? Quem não se commove á vista da uobre e leal rejeição do heróe de atraiçoar o Brasil entregando-o aos franceses ? Quem finalmente não se maravilha de ouvir a visão prophetisando os casos futuros do principado, hoje nosso Imperio ! E tanto mais quando é tão provavel que todos estes encantos não gozariamos nos melifluos versos da nossa epopeá, a não ter corrido como verdadeiro o facto que hoje analisamos. Talvez que sem a fé viva que na sua veridica existencia tinha o nosso poeta quando sentado á ponte da ribeira do ameno valle de *Cozelhas* (em Coimbra) dictando ao seu pardo amanuense o liberto Bernardo quantos versos lhe affluiam á mente, não teríamos hoje uma epopeá uacional, que nas escriptas em lingua portugueza ocupa, assim o cremos, pela sua originalidade e viveza nas descripções e cadencia do metro, superiores ao *Affonso Africano*, o primeiro lugar abaixo do immortal poema *Os Lusiadas*, o qual acaso arremedaram de mais todos os dessa numerosa e secunda familia de livros escriptos em Glava riunada como *Cerco de Diu*, *Condestabre*, *Ulysséa*, *Ulysippo*, *Malaca*, *Insulana*, *Zargueida*, *Henriqueida*, e tantos outros d'este genero, em que no numero ao menos a nossa lingua levou talvez a palma a todas do universo. O bom exito que a Camões déra o seu genio, e talvez ainda mais o seu saber e grandeza do assumpto que envolveu, fez ambiciosos de igual gloria um sem numero de versejadores de imitação (como tinham sido os successores de Dante e Petrarcha na Italia), em cujas fileiras se quiz até ultimamente alistar o maledico — mas sabio — cantor do *Oriente*, que ainda pouco antes de fallecer contava como livro dos mais queridos na sua escassa livraria o nosso *Caramuru*.
